

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.

Paulo Coelho



para

Copyright © 1998 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Asociados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

Veronika decide morrer / Paulo Coelho. — 1^a ed. —
São Paulo : Paralela, 2017.

ISBN 978-85-8439-075-5

1. Ficção brasileira I. Título.

17-04252

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparalela.com.br
atendimento@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela

Para S.T. de L.,
que começou a me ajudar
sem que eu soubesse.

*Eis que vos dei o poder de pisar serpentes...
e nada poderá vos causar dano.*

Lucas 10,19

No dia 11 de novembro de 1997, Veronika decidiu que havia — afinal! — chegado o momento de se matar. Lim- pou cuidadosamente seu quarto alugado num conven- to de freiras, desligou a calefação, escovou os dentes e se deitou.

Na mesa de cabeceira, pegou as quatro caixas de com- primidos para dormir. Em vez de amassá-los e misturar com água, resolveu tomá-los um a um, já que existe uma grande distância entre a intenção e o ato, e ela queria es- tar livre para arrepender-se no meio do caminho. En- tretanto, a cada comprimido que engolia, sentia-se mais convencida: após cinco minutos, as caixas estavam vazias.

Como não sabia exatamente quanto tempo ia demo- rar para perder a consciência, deixara em cima da cama uma revista francesa *Homme*, edição daquele mês, re- cém-chegada na biblioteca onde trabalhava. Embora não tivesse nenhum interesse especial por informática, ao folhear a revista descobrira um artigo sobre um jogo de computador em CD-ROM criado por Paulo Coelho, es- critor brasileiro que tivera oportunidade de conhecer

numa conferência no café do hotel Grand Union. Os dois haviam trocado algumas palavras, e ela terminara sendo convidada por seu editor para jantar. Mas o grupo era grande e não houve possibilidade de aprofundar nenhum assunto.

O fato de haver conhecido o autor, porém, levava-a a pensar que ele era parte do seu mundo, e ler uma matéria sobre seu trabalho podia ajudar a passar o tempo. Enquanto esperava a morte, Veronika começou a ler sobre informática, assunto pelo qual não tinha o mínimo interesse — e isso combinava com tudo o que fizera a vida inteira, sempre procurando o que era mais fácil ou o que estava ao alcance da mão. Como aquela revista, por exemplo.

Para sua surpresa, porém, a primeira linha do texto tirou-a de sua passividade natural (os calmantes ainda não tinham se dissolvido em seu estômago, mas Veronika era passiva por natureza) e fez com que, pela primeira vez em sua vida, considerasse como verdadeira uma frase que estava muito em moda entre seus amigos: “Nada neste mundo acontece por acaso”.

Por que aquela primeira linha, justamente no momento em que havia começado a morrer? Qual a mensagem oculta que tinha diante dos seus olhos, se é que existem mensagens ocultas em vez de coincidências?

Embaixo de uma ilustração do tal jogo de computador, o jornalista começava sua matéria perguntando:

“Onde é a Eslovênia?”

“Ninguém sabe onde é a Eslovênia”, pensou. “Nem isso.”

Mas a Eslovênia mesmo assim existia, e estava lá fora, lá dentro, nas montanhas à sua volta e na praça diante dos seus olhos: a Eslovênia era seu país.

Deixou a revista de lado, não lhe interessava agora ficar indignada com um mundo que ignorava por completo a existência dos eslovenos; a honra de sua nação não lhe dizia mais respeito. Era hora de ter orgulho de si mesma, saber que fora capaz, finalmente tivera coragem, estava deixando esta vida: que alegria! E estava fazendo isso da maneira com que sempre sonhara — por meio de comprimidos, que não deixam marcas.

Veronika procurara pelos comprimidos por quase seis meses. Achando que nunca iria consegui-los, chegara a considerar a possibilidade de cortar os pulsos. Mesmo sabendo que ia terminar enchendo o quarto de sangue, deixando as freiras confusas e preocupadas, um suicídio exige que as pessoas pensem primeiro em si mesmas, depois nos outros. Estava disposta a fazer todo o possível para que sua morte não causasse muito transtorno, mas, se cortar os pulsos fosse a única possibilidade, então não havia jeito — as freiras que limpassem o quarto e esquecessem logo a história, senão teriam dificuldade de alugá-lo de novo. Afinal de contas, mesmo no fim do século xx, as pessoas ainda acreditavam em fantasmas.

É claro que ela também podia atirar-se de um dos poucos prédios altos de Liubliana, mas e o sofrimento extra que tal atitude terminaria causando aos seus pais? Além do choque de descobrir que a filha morrera, ainda

seriam obrigados a identificar um corpo desfigurado: não, essa era uma solução pior do que sangrar até morrer, pois deixaria marcas indeléveis em duas pessoas que só queriam o seu bem.

“Com a morte da filha eles terminarão se acostumando. Mas um crânio esmagado deve ser impossível de esquecer.”

Tiros, quedas de prédio, enforcamento, nada disso combinava com sua natureza feminina. As mulheres, quando se matam, escolhem meios muito mais românticos — como cortar os pulsos ou tomar uma dose excessiva de comprimidos para dormir. As princesas abandonadas e as atrizes de Hollywood deram diversos exemplos disso.

Veronika sabia que a vida era uma questão de esperar sempre a hora certa para agir. E assim foi: dois amigos seus, sensibilizados com suas queixas de que não conseguia mais dormir, arranjaram — cada um — duas caixas de uma droga poderosa, que era utilizada por músicos de uma boate local. Veronika deixou as quatro caixas na sua mesa de cabeceira durante uma semana, namorando a morte que se aproximava, e despedindo-se — sem qualquer sentimentalismo — daquilo que chamavam Vida.

Agora estava ali, contente por ter ido até o final e entediada porque não sabia o que fazer com o pouco tempo que lhe restava.

Voltou a pensar no absurdo que acabara de ler: como é que um artigo sobre jogo de computador pode começar com esta frase tão idiota: “Onde é a Eslovênia?”.

Como não achou nada mais interessante com que se preocupar, resolveu ler a matéria até o fim e descobriu: o tal jogo tinha sido produzido na Eslovênia — esse estranho país que ninguém parecia saber onde era, exceto quem morava ali — por causa da mão de obra barata. Alguns meses atrás, ao lançar o CD-ROM, a produtora francesa dera uma festa para jornalistas de todo o mundo, num castelo em Vled.

Veronika lembrou-se de ter escutado algo a respeito da festa, que fora um acontecimento especial na cidade: não apenas pelo fato de que o castelo tinha sido redecorado para aproximar-se ao máximo do ambiente medieval do tal CD-ROM, como também pela polêmica que se seguira na imprensa local: havia jornalistas alemães, franceses, ingleses, italianos, espanhóis — mas nenhum esloveno tinha sido convidado.

O articulista de *Homme* — que viera à Eslovênia pela primeira vez, certamente com tudo pago, decidido a passar o seu tempo cortejando outros jornalistas, dizendo coisas supostamente interessantes, comendo e bebendo de graça no castelo — resolvera começar a matéria fazendo uma piada que devia agradar muito aos sofisticados intelectuais do seu país. Deve, inclusive, ter contado aos seus amigos de redação algumas histórias inverídicas sobre os costumes locais ou sobre a maneira rudimentar como as mulheres eslovenas se vestem.

Problema dele. Veronika estava morrendo, e suas preocupações deviam ser outras, como saber se existe vida após a morte ou a que horas o seu corpo seria encontrado. Mesmo assim — ou talvez justamente por

causa disso, da importante decisão que tomara — aquele artigo a estava incomodando.

Olhou pela janela do convento que dava para a pequena praça de Liubliana. “Se não sabem onde é a Eslovênia, Liubliana deve ser um mito”, pensou. Como Atlântida, ou Lemúria, ou os continentes perdidos que povoam a imaginação dos homens. Ninguém começaria um artigo, em nenhum lugar do mundo, perguntando onde era o monte Everest, mesmo que nunca tivesse estado lá. No entanto, em plena Europa, um jornalista de uma revista importante não se envergonhava de fazer uma pergunta daquelas, porque sabia que a maior parte dos seus leitores nem sequer imaginava onde era a Eslovênia. E muito menos Liubliana, sua capital.

Foi então que Veronika descobriu uma maneira de passar o tempo — já que dez minutos haviam transcorrido e ainda não notara qualquer diferença em seu organismo. O último ato de sua vida ia ser uma carta para aquela revista, explicando que a Eslovênia era uma das cinco repúblicas resultantes da divisão da antiga Iugoslávia.

Deixaria a carta como seu bilhete de suicídio. De resto, não daria nenhuma explicação sobre os verdadeiros motivos de sua morte.

Quando encontrassem seu corpo, concluiriam que se matou porque uma revista não sabia onde era o seu país. Riu com a ideia de ver uma polêmica nos jornais, com gente a favor e contra seu suicídio em honra da causa nacional. E ficou impressionada com a rapidez

com que mudara de ideia, já que momentos antes pensara exatamente o oposto — o mundo e os problemas geográficos já não lhe diziam respeito.

Escreveu a carta. O momento de bom humor fez com que quase mudasse de ideia a respeito da necessidade de morrer, mas já havia tomado os comprimidos, era tarde demais para voltar.

De qualquer maneira, já tivera momentos de bom humor como esse, e não estava se matando por ser uma mulher triste, amarga, vivendo em constante depressão. Passara muitas tardes de sua vida caminhando, alegre, pelas ruas de Liubliana, ou olhando — da janela do seu quarto no convento — a neve que caía na pequena praça com a estátua do poeta. Certa vez ficara quase um mês flutuando nas nuvens, porque um homem desconhecido, no centro daquela mesma praça, lhe dera uma flor.

Acreditava ser uma pessoa absolutamente normal. Sua decisão de morrer devia-se a duas razões muito simples, e tinha certeza de que, se deixasse um bilhete explicando, muita gente ia concordar com ela.

A primeira razão: tudo em sua vida era igual, e — uma vez passada a juventude — a tendência era de que tudo passasse a decair, a velhice começasse a deixar marcas irreversíveis, as doenças chegassem, os amigos partissem. Enfim, continuar vivendo não acrescentava nada; ao contrário, as possibilidades de sofrimento aumentavam muito.

A segunda razão era mais filosófica: Veronika lia jornais, assistia à tv e estava a par do que se passava no mun-

do. Tudo estava errado, e ela não tinha como consertar aquela situação — o que lhe dava uma sensação de inutilidade total.

Daqui a pouco, porém, teria a última experiência de sua vida, e esta prometia ser muito diferente: a morte. Escreveu a tal carta para a revista, deixou o assunto de lado, concentrou-se em coisas mais importantes e mais apropriadas para o que estava vivendo — ou morrendo — naquele minuto.

Procurou imaginar como seria morrer, mas não conseguiu chegar a resultado algum.

De qualquer maneira, não precisava se importar com isso, pois saberia dentro de poucos minutos.

Quantos minutos?

Não tinha ideia. Mas deliciava-se com o fato de que ia conhecer a resposta para o que todos se perguntavam: Deus existe?

Ao contrário de muita gente, essa não fora a grande discussão interior de sua vida. No antigo regime comunista, a educação oficial dizia que a vida acabava com a morte, e ela terminou se acostumando com a ideia. Por outro lado, a geração dos seus pais e de seus avós ainda frequentava a igreja, fazia orações e peregrinações, e tinha a mais absoluta convicção de que Deus prestava atenção no que diziam.

Aos vinte e quatro anos, depois de ter vivido tudo o que lhe fora permitido viver — e olha que não foi pouca coisa! —, Veronika tinha quase certeza de que tudo aca-

bava com a morte. Por isso escolhera o suicídio: liberdade, enfim. Esquecimento para sempre.

No fundo do seu coração, porém, restava a dúvida: e se Deus existe? Milhares de anos de civilização faziam do suicídio um tabu, uma afronta a todos os códigos religiosos: o homem luta para sobreviver e não para entregar-se. A raça humana deve procriar. A sociedade precisa de mão de obra. Um casal necessita de uma razão para continuar junto, mesmo depois que o amor deixou de existir, e um país precisa de soldados, políticos e artistas.

“Se Deus existe, o que eu sinceramente não acredito, entenderá que há um limite para a compreensão humana. Foi Ele quem criou esta confusão, onde há miséria, injustiça, ganância, solidão. Sua intenção deve ter sido ótima, mas os resultados são nulos; se Deus existe, Ele será generoso com as criaturas que desejaram ir embora mais cedo desta Terra, e pode até mesmo pedir desculpas por nos ter obrigado a passar por aqui.”

Que se danassem os tabus e as superstições. Sua religiosa mãe dizia: “Deus sabe o passado, o presente e o futuro”. Nesse caso, já a havia colocado neste mundo com plena consciência de que ela terminaria por se matar, e não iria ficar chocado com seu gesto.

Veronika começou a sentir um leve enjoo, que foi crescendo rapidamente.

Em poucos minutos, já não podia mais se concentrar na praça do lado de fora de sua janela. Sabia que era inverno, devia ser em torno de quatro horas da tarde, e o

sol estava se pondo rápido. Sabia que outras pessoas continuariam vivendo; nesse momento um rapaz passava diante de sua janela e a viu, sem entretanto ter a menor ideia de que ela estava prestes a morrer. Um grupo de músicos bolivianos (onde é a Bolívia? Por que os artigos de revistas não perguntam isso?) tocava diante da estátua de France Prešeren, o grande poeta esloveno que marcara profundamente a alma do seu povo.

Será que conseguiria escutar até o fim a música que vinha da praça? Seria uma bela recordação desta vida: o entardecer, a melodia que contava os sonhos do outro lado do mundo, o quarto aconchegante; o rapaz bonito e cheio de vida que passava resolvera parar e agora a encarava. Como percebia que o remédio já estava fazendo efeito, era a última pessoa que a estava vendendo.

Ele sorriu. Ela retribuiu o sorriso — não tinha nada a perder. Ele acenou; ela resolveu fingir que estava olhando outra coisa, afinal o rapaz estava querendo ir longe demais. Desconcertado, ele continuou seu caminho, esquecendo para sempre aquele rosto na janela.

Mas Veronika ficou contente por, mais uma vez, ter sido desejada. Não era por ausência de amor que estava se matando. Não era por falta de carinho de sua família, nem problemas financeiros, nem uma doença incurável.

Veronika decidira morrer naquela tarde bonita em Liubliana, com músicos bolivianos tocando na praça, com um jovem passando diante da sua janela, e estava contente com o que seus olhos viam e seus ouvidos escutavam. Mais contente ainda estava por não ter que ficar vendendo aquelas mesmas coisas por mais trinta, quarenta

ou cinquenta anos — pois iam perder toda a sua originalidade e se transformar na tragédia de uma vida na qual tudo se repete e o dia anterior é sempre igual ao seguinte.

O estômago, agora, começava a dar voltas e ela sentia-se muito mal. “Engraçado, pensei que uma dose excessiva de calmantes me faria dormir imediatamente.” Mas o que estava percebendo era um estranho zumbido nos ouvidos e a sensação de vômito.

“Se vomitar, não morro.”

Decidiu esquecer as cólicas, procurando concentrar-se na noite que caía com rapidez, nos bolivianos, nas pessoas que começavam a fechar suas lojas e sair. O barulho no ouvido tornava-se cada vez mais agudo, e — pela primeira vez desde que tomara os comprimidos — Veronika sentiu medo, um medo terrível do desconhecido.

Mas foi rápido. Logo perdeu a consciência.